

Educação e sensibilização no espaço urbano: turismo em torno do jardim

Jaqueline Costa Castilho Moreira (jackycastilho@uol.com) e
Gisele Maria Schwartz (schwartz@rc.unesp.br)*

Resumo

Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou apontar possibilidades de ressignificação do espaço urbano, utilizando-se as estratégias da arte e do lúdico, para implementação da sensibilização quanto ao turismo local. Desenvolvido através de uma revisão de literatura e uma pesquisa-ação, fomentou-se o projeto "Ribeirão Preto Turístico", composto de uma exposição artística e uma gincana lúdica, sendo aplicado nas escolas da rede oficial de ensino. Os dados analisados descritivamente sugerem que tais estratégias conseguem aprimorar o sentido de apreensão da cidade enquanto potencial turístico, tornando-se primordial uma ação interdisciplinar, no sentido de implementar políticas públicas e a valorização do turismo local.

Palavras-chave: escola, turismo local e lazer.

Abstract

This research, of a qualitative nature aimed to point out the urban space ressignification possibilities, utilizing the art and the recreation to implement sensibility about local tourism. The study was consisted of two phases: a literature review about the thematic and the second one was related to an exploratory research, developed by an action-research, fomenting the project "Ribeirão Preto Turístico". This project consisted of an art exposition, aggregating a competitive game applied in the official schools. Data were descriptively analyzed and suggested that those strategies can implement the sense of apprehension of the city as a touristic potential, being crucial an interdisciplinary action, aiming to implement public politics and amplifying the local tourism.

Keywords: school, local tourism and leisure.



Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social



Introdução

Este estudo é resultado da reflexão sobre a necessidade de um aprofundamento do olhar e da sensibilidade sobre os aspectos ambientais referentes ao espaço urbano, com suas inúmeras belezas naturais e culturais existentes pelos municípios. Tomou-se por foco a cidade de Ribeirão Preto (SP), com o intuito da valorização do espaço geográfico urbano, enquanto antropossistema, para o crescimento do turismo local.

Essa valorização pode catalisar novas atitudes relacionadas à descoberta de soluções nos âmbitos político, cultural e econômico, no sentido de viabilizar a melhoria na ocupação, com menor impacto. Isso afeta diretamente a consideração dos aspectos do lazer e do turismo nesse contexto, numa tentativa de salvaguardar a cultura local.

O espaço urbano, freqüentemente, é relegado a planos secundários e, inúmeras vezes, desprestigiado enquanto elemento do lazer e do turismo, em função da massificação cotidiana e do desconhecimento. Essa atitude catalisou a busca por alternativas sobre as possibilidades de resignificação do turismo local e da valorização do entorno, tendo como instrumentos de sensibilização a arte e o lúdico.

A idéia principal versou sobre a apresentação de uma exposição itinerante de 25 pinturas, que objetivava, através dos quadros, sensibilizar e despertar o interesse do público local pela cidade de residência, focalizando suas belezas, a cultura, a geografia e os lugares interessantes e atraentes. Nessas pinturas foram utilizadas várias técnicas, retratando as paisagens e os casarões da cidade.

Agregados a essas obras foram utilizados os conceitos de Patrimônio Histórico, Patrimônio Natural e Turismo, além dos textos criados pela historiadora Benedita Luiza da Silva e pela bióloga Olga Kotchetkoff

Henriques, como subsídios técnicos para as legendas dos quadros, fotos e mapas, fomentando olhares críticos, para se implementar uma visão da situação atual em que a cidade se encontra, sua urbanização, preservação e condições estruturais e funcionais (das básicas ao lazer), oferecidas aos moradores.

Com esse material foi produzido um multimídia, com o mesmo nome que o projeto, difundido através de CD-ROM, principalmente nas escolas e em órgãos públicos e privados, com o intuito de sensibilizar e aguçar o conhecimento sobre os ambientes da cidade em foco.

Acreditando ser essa estratégia uma excelente forma de estimular o interesse, a descoberta, a apreciação, o conhecimento e a consciência de preservação sobre a cidade, o presente artigo tem por objetivo disseminar os procedimentos utilizados, colaborando no desenvolvimento dessa temática nas escolas, bem como, na contextualização escola-cidadania.

Revisão de literatura: um tour pela cidade

São várias as explicações para a procedência da expressão francesa tour. Alguns autores apontam sua derivação do latim *turnus*; Kellman e Fernández (1986, p. 60), lembram que sua etimologia faz alusão ao "desplazamiento circular", deslocamento que sempre retorna ao seu ponto de origem, ou ainda mais modernamente, citando Krippendorf (1989, p.19), ao fazer um tour: "... o homem viaja para voltar".

Relegando o ideal aristocrático de Veblen (1974), que relaciona o tempo livre, a prática de elementos estéticos e formativos, aplicados a uma valorização subjetiva da natureza das viagens a terras estrangeiras, muito comum no Renascimento, filósofos como Miguel de Montaigne (por volta de 1500) e Jam Amos Commenius (em torno de

*Jaqueline Costa Castilho Moreira é Mestranda em Ciências da Motricidade Humana pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Instituto de Biociências, UNESP de Rio Claro; Especialista pela UNICAMP em Atividades Motoras Adaptadas, Licenciada Plena em Educação Física pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, Bacharel em Comunicação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, Membro do Laboratório de Estudos do Lazer da UNESP em Rio Claro. Atualmente Professora Efetiva da Rede Estadual de São Paulo. Endereço eletrônico: jackycastilho@uol.com

Gisele Maria Schwartz é Doutora em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, pelo IPUSP. Professora Livre Docente nos cursos de graduação em Educação Física e pós-graduação em Ciências da Motricidade na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física - UNESP - RIO CLARO, na Linha de Pesquisa: Estados Emocionais e Movimento. Coordenadora do LEL - LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER, do DEF/IB/UNESP - RIO CLARO/SP. Endereço eletrônico: schwartz@rc.unesp.br

1600), referendados em Kellman e Fernández (1986, p. 57 e 58), já vislumbravam que a aprendizagem exclusivamente em livros era limitada, e que era relevante expor o estudante ao contato direto com a realidade, costumes, leis e obras de outros povos. Assim, os autores evidenciam que:

No es posible concebir que exista, em esta época, uma persona bien educada (aristocrata ou burguês) sobre la que van a recaer los destinos de um país o de um grupo determinado, que no haya tenido la experiencia de um intercambio cultural directo com diversos pueblos, a través de los viajes. (Kellman e Fernández, 1986, p. 59).

Com intenções pretensamente educativas, o Grand Tour acrescido do sufixo "ismo" e do ancestral desejo humano de fazer novas descobertas e de aprender algo, passa a ser chamado de turismo.

Dessa forma, o turismo, encontrando-se institucionalizado e ampliado, passa a projetar características estereotipadas da própria burguesia de uma época: viagens ostentosas, privilégio de classes, exclusividade, motivação cultural, educativa e artística, descanso, saúde, adequado manejo comercial, além de outras motivações como: prazer, diversão, fuga do ambiente cotidiano, liberdade e recuperação de energias para um novo ciclo de trabalho produtivo.

Envolvendo a produção de um conjunto de relações sociais, de espaços e ambientes naturais ou urbanos e de uma complexa rede de manutenção (hospedarias, tabernas, formas de deslocamento, outros serviços e atividades vinculadas), o Grand Tour, agora turismo, possibilita até os dias atuais, mecanismos de expansão, econômica, política, religiosa ou cultural.

Concorda com essa descrição Betrán (2003), ao afirmar que o turismo representa uma fonte de oportunidades, tanto de fruição e lazer, quanto de campo de trabalho,

tornando-se uma indústria bastante promissora, chegando à posição de primeiro setor da economia mundial nos anos 90.

No entanto, Betrán (2003) também aponta que as mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais, transformaram, inclusive, a estrutura do dispêndio do tempo livre. Sobre este aspecto, o autor relata as alterações quanto às escolhas dos destinos turísticos, as motivações, bem como, um novo escalonamento do tempo gasto, o qual deixa de abranger um único período longo e anual, para ser distribuído em diversos períodos mais curtos durante o ano.

Corroboram com essas, as evidências anteriormente apontadas por Krippendorf (1989, p.16), ao discorrer sobre a mobilidade nos dias de folga dos habitantes das cidades, constatando que 30% dos sujeitos de seu estudo, na época, usufruíam o tempo livre em excursões ou passeios curtos e 10% em viagens de férias.

As pesquisas de Beni (1997) também apontam um aumento crescente, do que ele chama de segundas férias, caracterizadas por serem mais curtas e com destino mais próximo da cidade de origem.

Disseminado o direito ao lazer no tempo livre, viabilizado estrutural e financeiramente, veiculado pelas mídias como forma de inserção social, o turismo de massa e os excursionismos têm sido estimulados.

Esse turismo para todos, de acesso politicamente correto, infelizmente, em função de seu mau planejamento quanto ao fluxo de visitantes, da inexistência de uma conciliação entre necessidades e interesses entre viajantes e viajados, da desorientação quanto aos investimentos de capitais públicos, do consumismo desenfreado e do uso indiscriminado dos recursos naturais e urbanos dos locais de destino, gera efeitos bastante negativos e destrutivos, em longo

prazo, tanto no destino turístico a que se pretende, quanto para seus ambientes físicos e sociais.

Porém, esse quadro pessimista, pode ser revertido, na medida em que a população do destino seja sensibilizada para a necessidade de atitudes conservacionistas e passe a se comprometer com a valorização e preservação da local e de seu ambiente geográfico específico. Deve-se considerar o turismo para além da perspectiva de deslocamento e exploração de espaços distantes, ou ainda como fuga do cotidiano, uma vez que a oportunidade de conhecer a cidade onde se vive, pode proporcionar uma satisfação real, por conciliar, sob uma nova perspectiva, a necessidade de experiências significativas e a possibilidade de intervenção nos âmbitos social e, até mesmo, político, fomentando a superação da viagem como único momento de manifestação turística, como relata Serrano (1997).

"Ficar em casa de vez em quando", conforme salientava Krippendorf (1989, p. 216) significa ter oportunidade de desfrutar as inúmeras instalações e serviços da indústria do turismo existentes na própria cidade, ou reavaliar as políticas de cultura, dos eventos, shows, áreas públicas de lazer, das quais, como municípios, nem sempre se tem clareza ou se está informado. Essa pode se tornar uma opção bastante interessante, especialmente se, aliado a esses passeios curtos, houver a conscientização sobre novas possibilidades de compreensão sobre a importância do lazer, do usufruto saudável do tempo livre, da disseminação das idéias preservacionistas, da riqueza do turismo local e de reflexões nesses vários âmbitos, relacionados com o contexto municipal.

A ampliação da geopolítica do corpo que sente e vive seu entorno é fundamentada na perspectiva do reconhecimento das dimensões socioespaciais da urbanização, diretamente

relacionadas ao consumo turístico do ambiente e das experiências de reapropriação sensível do espaço, causando possíveis transformações, inclusive no *modus vivendi* de uma população, expressas nas representações sobre urbanização e cultura, observados por Lopes Júnior (1997).

A polissemia de oportunidades referentes às opções de se apreender o entorno é diretamente proporcional às possibilidades e às iniciativas individuais e grupais de se inscrever os espaços locais nos eventos pedagógicos, uma vez que já está comprovada a riqueza territorial brasileira e a dinâmica de suas paisagens. Tal fato torna-se desafiador, a mobilização de ações efetivas, no sentido da oferta de opções que viabilizem a ênfase no crescimento de núcleos de pequeno ou médio porte, muitas vezes, ainda estagnados economicamente, mas, com potenciais de características geomorfológicas e climáticas favoráveis à destinação turística.

Esse movimento de refuncionalização do espaço, aos olhos de Mascarenhas de Jesus (2003), requer, tanto do geógrafo, quanto de outros profissionais, um olhar atento, no sentido de favorecer a dinâmica de formação de novos destinos, para além dos modismos ditados pela mídia, especialmente, vislumbrando-se a oportunidade de promoção do entorno.

Estas ações, como evidencia Santos (1996), expressam uma faceta da sociedade contemporânea, merecendo um olhar mais aguçado. Porém, algumas inquietações se fazem presentes, como a que diz respeito a quais processos permitem que acidentes geográficos ou locais históricos recebam novos significados ou novos usos, que vão além da contemplação cênica, aos olhos de um cidadão, incrementando o turismo local?

A resposta a essa indagação perpassa a análise exclusiva do lugar, mas vai além, inserindo-se em uma outra dimensão, que aborda mudanças, tanto no campo da "psicosfera", termo que diz respeito às atitudes, valores e imagens, quanto da "tecnosfera", relativo a novos usos de técnicas, materiais e equipamentos, capazes de propiciar um redimensionamento, conforme evidencia Santos (1996).

Para Santos (1996, p. 204):

(...) a psicosfera, reino das idéias, crenças, paixões, e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas - tecnosfera e psicosfera - são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar.

No sentido de consolidar ações efetivas que implementam mudanças, deve-se aprimorar as perspectivas teóricas sobre a dinâmica espacial, assim como, os métodos e as técnicas de agentes e lugares definidos, no que tange às peculiaridades e ao potencial turístico.

Os estudos referentes aos fatores socioeconômicos, políticos e ambientais do turismo têm merecido visibilidade cada vez maior dentro da academia (Camargo, 1998; Seabra, 2003; Serrano, 1997), nas diversas áreas do conhecimento, tendo em vista as discussões sobre impactos, gestão e demandas para minimizá-los, resolvê-los ou implementá-los, fazendo-se necessário uma estratégia multidisciplinar.

Com base nesses pressupostos é que esse estudo se mobilizou, com o intuito de estimular, por meio de estratégias de ação relacionadas com o contexto da arte e do lúdico, o aprimoramento das relações humanas com o ambiente geográfico da cidade de Ribeirão Preto, bem como, a implementação de mudanças atitudinais e condutais relativas ao contexto do turismo e do lazer.

A perspectiva foi de colaborar para a apreensão sensível dos espaços geográfico e histórico da cidade em questão e a valorização do turismo local, por meio de conteúdos transdisciplinares e da contextualização da cidade em que se reside.

Para tanto, foi desenvolvida a pesquisa-ação descrita a seguir e elaborado o "Projeto Ribeirão Preto Turístico", instrumento pelo qual foram encaminhadas as contribuições efetivas na disseminação das possibilidades de ação no município citado.

Método

Este estudo requereu como aporte teórico-conceitual, em sua fase exploratória, uma pesquisa bibliográfica que qualificou-se pela "utilização de fontes secundárias, ou seja, pela identificação e análise dos dados escritos em livros, em artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador, em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema" (Gonçalves, 2001, p.35), bem como o reconhecimento de seu campo de ação, problemas prioritários, eventuais ações, interessados e expectativas, convergências e divergências de opiniões (Thiollent, 1994).

Para o desenvolvimento da segunda etapa do estudo, foi utilizada uma intervenção com características de pesquisa-ação, a qual Thiollent (1994, p.14) denomina como:

(...) Tipo de pesquisa-social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Com base nessa metodologia, organizou-se o Projeto Ribeirão Preto Turístico, o qual constou de exposição itinerante, com

pinturas ressaltando os temas que envolviam aspectos de moradia, locais turísticos e pontos históricos do município de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo.

A partir de um levantamento das instituições de ensino dos diferentes bairros da cidade em questão, realizado em guias e listas telefônicas, foram selecionadas algumas escolas representativas de cada setor da cidade, em função do número de estudantes. Foram selecionados museus, casa de cultura, shopping centers, entre outros, para serem os hospedeiros desta exposição, assim como, escolas públicas e particulares, de níveis Fundamental, Médio, Superior.

No caso das escolas, o primeiro contato era realizado via telefone, inquirendo sobre a possibilidade da hospedagem da exposição na escola, para ser visitada. O segundo passo era levar o projeto e uma carta de solicitação de espaço. Nesse contato, requeria-se alguém da escola, funcionário ou alunos, que ajudasse na montagem, transporte e desmontagem da exposição.

Projeto - Análise da Situação Diagnosticada

Apesar da boa receptividade, muitas dificuldades foram sentidas. A primeira delas foi com relação ao espaço destinado à exposição. Em muitas escolas não havia ambiente próprio, tampouco cavaletes ou aramados ou, ainda, permissão para a instalação dos materiais nas paredes, com o uso de pregos.

Para romper essa primeira barreira, os quadros eram instalados na lousa da sala, em outras situações, os quadros eram amarrados com fios de nylon nas estantes das Bibliotecas, ou nas janelas, além de que, com o tempo, pode-se aprender a usufruir as peculiaridades de cada espaço, promovendo-se soluções experimentadas de maneira criativa e com adaptabilidade.

Para melhor visualizar as possibilidades de instalação, fazia-se uma visita antes da exposição, para se observar as condições do local, com intuito de se ter uma idéia prévia dos recursos a serem utilizados e dos equipamentos necessários.

Com relação à segurança, muitas vezes, os diretores das escolas ficavam bastante preocupados, porém, quanto a isso não houve problema, uma vez que sempre houve respeito dos alunos e em nenhuma das exposições foi furtado qualquer material.

Já o transporte era realizado através de um carro pequeno, em apenas uma viagem, com o material desmontado e embalado em plástico bolha.

Quanto ao tempo de montagem e desmontagem, as exposições eram instaladas em duas horas, pois, além da fixação dos quadros com fita crepe (para não danificar as paredes), os mesmos teriam que ser legendados, assim como as fotos e os cartazes, responsáveis pela descrição dos locais. Já a desmontagem era realizada em uma hora.

Negociava-se com a escola um tempo de permanência mínimo de cinco dias úteis, podendo até extrapolar esse limite, baseado na rotatividade gerada pelo fluxo de visitantes, a fim de compensar o esforço da montagem.

O uso do computador nem sempre era possível e, especialmente nas escolas públicas, esse equipamento era de uso exclusivo da administração, portanto, muitas vezes, a apresentação em multimídia não podia ser realizada, salvo quando o empréstimo de um notebook era viabilizado, para que fosse feita uma sessão. Diferentemente nas escolas particulares, era disponibilizado um computador para a apresentação do CD durante todo o período em que a exposição ficava aberta, sendo que em uma das escolas, ligou-se o

computador direto a um telão. Isso permitiu que fossem estabelecidos horários de sessões para os visitantes.

Figura 1. Exposição montada em 2006.



Figura 2- Gincana em andamento



Base da Proposta Pedagógica

A base da proposta foi o estudo sobre os patrimônios histórico e natural da cidade, levantados por Benedita Luiza da Silva, historiadora, e Olga Kotchetkoff Henriques, bióloga, e de pontos reconhecidamente turísticos da cidade, esboçada através de um breve memorial descritivo de atividades:

- Visita à exposição, os alunos eram convidados pelos professores, a visitarem a exposição instalada em uma sala de aula determinada, biblioteca, corredor ou secretaria. Anexado junto aos quadros, estavam as legendas das obras, constando informações como nome, data, técnica, dimensão e ao lado, seu respectivo link

impresso com fotos do local e informações técnicas como localização, história, e informações acerca do patrimônio histórico e natural;

- Distribuição de material impresso, em forma de folheto, feito em Word, com três colunas e duas dobras, fotocopiados, reforçando-se de forma sucinta o conteúdo dos links;

- Livro de assinaturas, com data, identificação, cidade de origem, comentários e sugestões, o qual era disponibilizado em locais visíveis, para que os visitantes pudessem interagir com a autora;

Figura 3 - Livro de Assinaturas de 1999 a 2006



- Apresentação digital: Compunha-se do CD multimídia de nome: Ribeirão Preto Turístico, tendo como conteúdo os principais pontos reconhecidamente turísticos da cidade, os patrimônios históricos representados pelos casarios tombados ou não e os patrimônios naturais, como a mata próxima à cidade, os rios e a arborização urbana, pontos enriquecedores da geografia local.

O multimídia foi gerado a partir de Power Point, utilizando fotos digitalizadas, fotocópias a laser colorido das pinturas reduzidas em folha A4, um texto introdutório, com locução da própria autora, tratando dos objetivos e procedimentos, além de uma rápida explanação sobre os locais pintados nos quadros. Cada slide representava um desses locais, com ícones de acesso a informações mais detalhadas, produzidas em Word, sobre sua história, informações técnicas, biológicas, endereço, telefone, como chegar, estado atual, além de fotos históricas e atuais.

Identificação dos problemas a serem resolvidos

Apesar de ser apenas uma pequena parcela de pessoas, que efetivamente deixaram seus nomes em livros de assinatura de exposições, pode ser constatado um número de 1.890 registros, efetivados no livro do Projeto Ribeirão Preto Turístico, o qual teve seu desenvolvimento entre 1999 e 2004. Esse público compunha-se de estudantes e adultos de profissões variadas, de ambos os sexos, de faixa etária variada, cujas assinaturas foram colhidas nos ambientes das escolas de ensino regular públicas e particulares, faculdades, museus, casa de cultura, shoppings e outros.

As experiências obtidas nos locais de exposição convergiram para uma nova problemática.

Na década de 80 à 90, a cidade de Ribeirão foi intensamente divulgada pela mídia como a "Califórnia Brasileira" e o agroturismo e o turismo de negócios bastante evidenciados na região. Comportando-se diferentemente da demanda turística, na qual as "pessoas se deslocam temporariamente de sua residência habitual, com propósito recreativo ou por outras necessidades e razões, que demandam a prestação de alguns serviços básicos" (Beni, 1997 p. 201), no fluxo migratório, as pessoas vão para os locais de destino para ficar, atraídos por muitos motivos como, no caso de Ribeirão, emprego, renda per capita atraente, qualidade de vida, entre outros.

Os descendentes em idade escolar, das famílias estabelecidas pós-deslocamento ocorrido nos últimos vinte anos, não apresentavam afinidade com os aspectos da cultura, história ou tradição local, ao tomarem contato com o Projeto inicial; não se preocupam com a preservação da cidade, além de não perceberem como poderiam contribuir ou se beneficiar do turismo e da infra-

estrutura municipal existente, fato que mereceu atenção inicial.

A partir do questionamento gerado pelo comportamento apresentado pelos estudantes, houve a necessidade de melhorar a interatividade do projeto com o público, principalmente o escolar. Foram inseridas novas perspectivas de ação, focalizando a necessidade de disseminação das bases da reflexão proposta, somando-se ao projeto inicial, o conceito de interatividade, em que, conforme evidencia Silva (citado por Amorim, 2003, p. 105):

Um produto, uma comunicação, um equipamento, uma obra de arte, são de fato interativos quando imbuídos de uma concepção que contemple a complexidade, a multiplicidade, a não linearidade, a bidirecionalidade, a potencialidade, a permutabilidade (obrigatória), a imprevisibilidade, etc, permitindo ao usuário-interlocutor-fruidor a liberdade de participação, intervenção, de criação.

Por ser a interatividade uma produção bastante elaborada, ao permitir vários graus de interferência, bem como, o uso de diversas linguagens e estímulos sensoriais diferenciados, colocou-se na prática a questão do universo lúdico, capaz de catalisar outras dimensões e interesses, surgindo, em consequência, as Dinâmicas interativas em forma de gincanas, descritas a seguir, as quais favoreceram outras perspectivas de ação, focalizando, especificamente, o público escolar.

Planejamento de ações correspondentes e execução:

- Dinâmica 1: "Rallie Ribeirão Preto Turístico". Condições: Divisão em duas equipes. Material utilizado: Dez fotos de locais diferentes sobre a cidade, dez verbetes em folhas separadas relativos a estas fotos, dez perguntas escritas em papel para sorteio referente as fotos/legendas, caixa de sorteio, apito, cronômetro, calculadora, placar para

a contagem de pontos de cada equipe. Idéia principal - Encontrar os verbetes pertencentes a cada foto. Ler cada verbete para responder as cinco perguntas sorteadas. Ganha a equipe que responder corretamente mais perguntas. Execução: Foi sorteado par ou impar para determinar quem iniciaria o Jogo e competiu-se por tempo. A equipe ganhadora foi denominada Primeira Equipe. "Primeira Fase do Jogo": Espalhou-se no centro da sala as fotos e os verbetes. Ao apitar, foi disparado o cronômetro e uma equipe por vez, devia fazer a correspondência das fotos com seus respectivos verbetes, no menor tempo possível. "Na Segunda Fase", foi dado três minutos para que todos da Primeira Equipe lessem os verbetes e identificassem as fotos, memorizassem os textos e as imagens correspondentes. "Na terceira fase", foi recolhido todo o material, enquanto os monitores iniciaram a brincadeira com a Segunda Equipe. Após todas as equipes terem contato com o material, o professor sorteou dez perguntas. Foi dado o intervalo de um minuto para que as equipes se manifestassem através de batidas de palmas. A equipe que batesse palma primeiro e respondesse corretamente maior número de perguntas, vencia.

- Dinâmica 2: "O que há no Entorno?"
Condições: Divisão em duas equipes, explicou-se o que era um entorno, realizou-se uma marcação prévia, com fita crepe e papel, de árvores, plantas, grutas, ninhos desocupados, pedras, canteiros, etc, anterior a execução da brincadeira, sendo que as crianças não poderiam saber dos locais marcados. Material utilizado: Texto sobre a arborização urbana, prancha, papéis, fita adesiva, apito, cronômetro, painel com número de pontos de cada equipe para a contagem de pontos do placar geral. Idéia principal: Adivinhação do que existia de fauna e flora no entorno da escola. Execução: Com as equipes já formadas e separadas,

cada grupo se reuniu em torno do monitor, que primeiramente explicou sobre o jogo. Após a leitura sobre a mata do morro, as equipes fizeram uma lista com dez animais, plantas, e outros que poderiam encontrar durante o passeio ecológico que fariam posteriormente. Foi dado, dois minutos para a confecção da lista, sendo que nenhuma equipe podia ver a lista da outra. As listas foram recolhidas pelo monitor. Ao final do passeio ecológico com os alunos, foi possível a checagem das listas - se o animal ou planta existia ou não e somar a pontuação obtida por cada equipe.

- Dinâmica 3: "Quantos alunos são?"
Condições: Divisão em duas equipes. Envolve uma marcação de árvores e distância entre pontos escolhidos, anterior a execução da brincadeira. Material utilizado: Prancha, papéis, dois conjuntos de placas de 00 a 99, durex, apito, cronômetro, trena, painel com número de pontos de cada equipe. Sendo que os participantes não podiam saber destas marcações. Idéia principal: Além de despertar o público para o turismo ecológico, através do passeio no entorno/ jardim, bem como a valorização da natureza, o jogo estimulava a integração e a percepção de distâncias, por meio da propriocepção. Execução: Durante a caminhada ecológica, o professor avisou que as equipes veriam a árvore X, a planta Y, o ninho do pássaro tal, a gruta, marcos que podiam ser vistos bem de longe. Foi dado a cada equipe uma das placas de 00 a 99. Ao avistar, por exemplo, a árvore X, o professor perguntou para uma das equipes, quantas crianças de mãos dadas a equipe acreditava que seriam necessárias para circundar a árvore. A equipe tinha um minuto para responder através das placas. O professor pediu as crianças de ambas as equipes para darem as mãos e circundarem a árvore X, a fim de conferir a aposta. Cada resposta certa era pontuada.

- Dinâmica 4: "Pinturas ou desenhos sobre a cidade", feitas pelos alunos a partir do material exposto, nos quais os alunos tinham a possibilidade de comentar sobre o que mais gostavam e o que menos gostavam da cidade onde moravam. A obra mais criativa era pontuada.

- Dinâmica 5: "Localize-se no mapa", com intuito de estimular à percepção espaço-temporal, junto à exposição circulava um mapa cartográfico da cidade em escala e um outro mapa, mais "publicitário", sobre os locais retratados na exposição. Os alunos eram estimulados a procurar nos bairros, entre as quadras e ruas, o ponto onde se localizava sua residência, sua escola e algum local da exposição, durante um tempo determinado de um minuto. Solicitava-se, também, aos alunos que calculassem o percurso residência, escola e local em quadras e metros/quilômetros. Cada resposta correta pontuava.

- Dinâmica 6: "Performance: A poluição começa em nós". Apresentação de uma coreografia, feita pelos alunos, envolvendo uma das instalações da exposição. O objetivo era alertar para a situação de poluição das águas da cidade. A coreografia mais criativa pontuava. Ganhava a gincana, a equipe que conseguisse obter maior número de pontos.

Avaliação do conjunto de ações

Desde a situação inicialmente diagnosticada até a prática nesses cinco anos, o projeto só pode perdurar em função da vontade, motivação e disposição das pessoas, alunos e professores envolvidos, que se solidarizaram com a temática e colaboraram de alguma forma; da estrutura conivente das escolas apoiando os envolvidos; da existência mínima de equipamentos, materiais para execução; pois nada disso seria possível se o esforço fosse isolado, já que não se pode contar sempre com patrocínios.

Independente disso, o projeto amadureceu, passando por várias transformações, agregando novos conceitos e valores ao interagir com o público.

Em 2000, juntamente com o COMTURP (Conselho Municipal de Turismo de Ribeirão Preto); a Prefeitura; a Câmara Municipal; o Sindicato de Hotéis e Restaurantes, Bares e Similares; o Sindicato de Turismo e Hospitalidade; a TAM (Transportes Aéreos Regionais); o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial); o CODERP (Cia de Desenvolvimento Econômico de Ribeirão Preto); o SEBRAE (Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas de São Paulo), o trabalho colaborou no processo de reconhecimento de Ribeirão Preto como cidade de interesse turístico.

Alguns dos quadros foram selecionados para participação em salões de arte, destacando: X SABART/2001 "Salão Brasileiro de Belas Artes de Ribeirão Preto"; I Salão de Artes "Preto no Branco" da Semana Euclidiana, do Museu Rio Pardense "Arsênio Frigo" de São José do Rio Pardo; Mostra Coletiva dos Artistas da Casa de Cultura de Ribeirão Preto de 2000; Mostra Coletiva dos Artistas de Ribeirão Preto do MARP - Museu de Artes Plásticas de Ribeirão Preto de 2000; XVI Salão de Belas Artes de Franca de 2000. Também foram premiados com medalha de prata, dois quadros pertencentes ao Projeto, no I Salão de Artes da Associação dos Artistas Plásticos de Ribeirão Preto.

No entanto, a maior gratificação fica com os comentários "anônimos" deixados no livro de assinaturas da exposição, muitos elogiando o trabalho, outros questionando a proposta, ou seja, o potencial turístico da cidade.

Os seis anos de itinerância possibilitaram discussões e reconhecimento da importância da contextualização entre alunos e munícipes de modo geral. Através desse contato direto, percebeu-se que muitos dos

participantes não conheciam a história de seu próprio bairro ou, tão pouco, os pontos turísticos da cidade, às vezes muito próximos de onde moravam e, outras vezes, "paisagens tão comuns de seu trajeto", que infelizmente tornaram-se imperceptíveis.

Considerações finais

A atividade turística consciente não gera só renda e emprego (agroturismo ou turismo de negócio), mas cria a necessidade de aprimoramento das políticas públicas implementadas; valoriza a identidade local; promove o patrimônio, a memória e a arte, através de programação e divulgação democrática dos eventos; garante o resgate e a sustentabilidade das tradições da cultura local; amplia as opções de lazer do munícipe; preserva o equilíbrio ambiental; gera análise e reflexões sobre as condições reais do município para atender as demandas, criando novas oportunidades de ocupação; ocasiona debates e questionamentos quanto às decisões sobre os rumos socioeconômico e político locais e, em última análise, distribui benefícios.

Figura 4 - Aquarela exposta "Palmeiras Imperiais".



Figura 5 - Apresentação digital do CD.



Torna-se premente que outras iniciativas suscitem reflexões sobre o entorno e se desenvolvam com o intuito de aprimorar as possibilidades axiológicas de redimensionamento do lazer e dos aspectos relativos à qualidade existencial, promovendo maior interatividade com o ambiente de convivência cotidiana, implementando as possibilidades de conscientização e preservação do espaço ambiental urbano.

Referências bibliográficas

- AMORIN, J. S. Uma janela para todos. As novas mídias informatizadas no trabalho pedagógico com a diversidade. 2003. Tese (Dissertação de Mestrado)- Faculdade de Educação. Unicamp. Campinas.
- BENI, M. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: SENAC- São Paulo, 1997.
- BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: As atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003, p.157 - 202.
- CAMARGO, L.O.L. Educação para o Lazer. São Paulo: Moderna, 1998.
- GONÇALVES, E.P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 1ª ed. Campinas: Alínea, 2001.
- KELLMAN, Carlos Julio e FERNÁNDEZ, Víctor Rafael. Tiempo libre, turismo y sociedad: una aproximación al caso colombiano. Bogotá: Departamento de Publicaciones de la Universidad Externado de Colombia, 1986.
- KRIPPENDORF, J. Sociologia do Turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LOPES JÚNIOR, E. Urbanização turística, cultural e meio ambiente no nordeste brasileiro. In: SERRANO, C.M.T.; BRUHNS, H.T.

- (orgs.) Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Turismo), p.43-58.
- MASCARENHAS DE JESUS, G. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (orgs.). Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003, p.75-99.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SEABRA, L. Monitoramento participativo do turismo desejável: uma proposta metodológica preliminar. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (orgs.) Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003, p.101-129.
- SERRANO, C.M.T. Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente. In: SERRANO, C.M.T.; BRUHNS, H.T. (orgs.) Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Turismo), p 11-25.
- THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1994.
- VEBLEN, T. A teoria da classe ociosa. São Paulo: Abril, 1979..